



Vamos ao encontro de Jesus.

Ele nos abre as portas à felicidade:

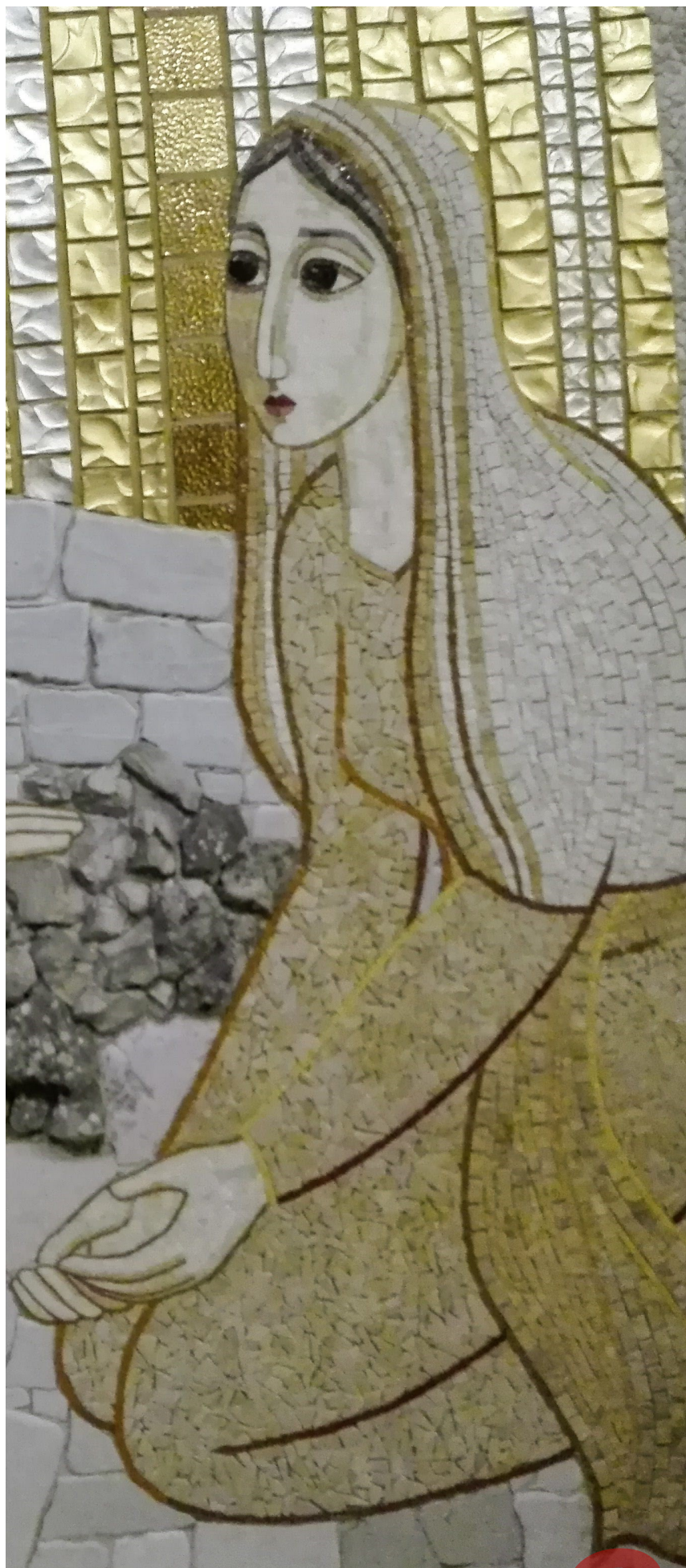
Jesus e a mulher adúltera

Entre os fariseus, há uma falsidade. A lei é tendenciosa, parcial. Em princípio, eles tinham de trazer o homem e a mulher. A mulher não é adúltera sozinha. Eles deixaram o homem ir embora e trouxeram apenas a mulher para ser condenada à morte.

Para onde foi o homem adúltero? Se a mulher foi pega em flagrante, podemos pensar que não estava sozinha. Contudo, apresentam apenas a mulher para Jesus. Onde está o homem adúltero? É como se o próprio Jesus estivesse no comando. O nosso

evangelho, de fato, coloca a mulher e Jesus no meio de acusadores, prontos para apedrejar a ambos por adultério: a mulher, claro, a mulher e poními a identificada ao seu pecado, "a adúltera", mas também Jesus que, suspeito de querer trair a Lei, se encontra na posição do acusado. Ele toma sobre si o pecado do mundo, todos os pecados, o próprio mistério do pecado. [...]

Ele se abaixa e se levanta novamente, fazendo cada um ganhar em profundidade e altura, fazendo-os entrar nas profundezas de si próprios que assim se abrem a Deus. Que bela lição de humanidade! Em suma, seja na sua relação com a mulher ou com os seus acusadores, Jesus apresenta-se a nós como verdadeiro Deus e verdadeiro homem: contemplar Jesus na profundidade da sua humanidade e do seu gesto salvífico. [...]





Nesta bem-aventurança há uma particularidade: é a única em que a causa e o fruto da felicidade coincidem, a misericórdia. Aqueles que exercem a misericórdia encontrarão misericórdia, serão “misericordizados” (“objetos da misericórdia”).

Este tema da reciprocidade do perdão não está presente apenas nesta bem-aventurança, mas é recorrente no Evangelho. E como poderia ser de outra forma? A misericórdia é o próprio coração de Deus! Jesus diz: “Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados” (Lc 6, 37). Sempre a mesma reciprocidade. E a Carta de São Tiago afirma que “a misericórdia prevalece sempre sobre o julgamento” (2, 13).

Mas é sobretudo no Pai-Nosso que rezamos: “Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Mt 6, 12); e este é o único pedido retomado no final: “Porque, se perdoardes aos outros as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará; mas, se não perdoardes aos outros,



tampouco o vosso Pai perdoará as vossas ofensas” (Mt 6, 14-15; cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2.838).

Existem dois elementos que não podem ser separados: o perdão oferecido e o perdão recebido. Mas muitas pessoas sentem-se em dificuldade, não conseguem perdoar. Muitas vezes o mal recebido é tão grande que conseguir perdoar se parece com a escalada de uma montanha muito alta: um esforço enorme; e a pessoa pensa: é impossível, isso é impossível!

Esta questão da reciprocidade da misericórdia indica que temos necessidade de inverter a perspetiva. Sozinhos não conseguimos, precisamos da graça de Deus, devemos pedi-la. Com efeito, se a quinta bem-

aventurança promete encontrar misericórdia, e no Pai-Nosso pedimos a remissão das dívidas, isto significa que somos essencialmente devedores e temos necessidade de encontrar misericórdia!

Todos nós somos devedores, todos! A Deus, que é tão generoso, e aos nossos irmãos. Cada pessoa sabe que não é o pai ou a mãe, o esposo ou a esposa, o irmão ou a irmã que deveria ser. Todos nós estamos “em falta” na vida. E precisamos de misericórdia. Sabemos que também nós praticamos o mal, falta sempre algo para o bem que deveríamos ter feito.

Mas é precisamente esta nossa pobreza que se torna a força para perdoar! Somos devedores e se, como

ouvimos no início, formos medidos pela medida com que medimos os outros (cf. Lc 6, 38), então convém-nos alargar a medida e perdoar as ofensas, perdoar. Cada um deve recordar-se que tem necessidade de perdoar, que precisa do perdão, que precisa da paciência; este é o segredo da misericórdia: é perdoando que somos perdoados.

Porque Deus nos precede e nos perdoa primeiro (cf. Rm 5, 8). Recebendo o seu perdão nós, por nossa vez, tornamo-nos capazes de perdoar. Assim, a nossa miséria e a nossa falta de justiça tornam-se ocasião para nos abirmos ao reino dos céus, a uma medida maior, à medida de Deus, que é a misericórdia!

De onde nasce a nossa misericórdia? Jesus disse-nos: “Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6, 36). Quanto mais aceitarmos o amor do Pai, tanto mais amaremos (cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2.842). A misericórdia não é uma dimensão entre outras, mas constitui o cerne da vida cristã: não há cristianismo sem misericórdia [cf. São João Paulo II,



Encíclica *Dives in misericordia* (30 de novembro de 1980); Bula *Misericordiae vultus* (11 de abril de 2015); Carta Apostólica *Misericórdia et misera* (20 de novembro de 2016)].

Se todo o nosso cristianismo não nos leva à misericórdia, erramos o caminho, pois a misericórdia é a única meta verdadeira de todo o caminho espiritual.



Constitui um dos frutos mais bonitos da caridade (cf. CIC, n. 1829).

Recordo que este tema foi escolhido desde o primeiro Ângelus que recitei como Papa: a misericórdia. E isto ficou muito gravado em mim, como uma mensagem que, como Papa, eu deveria transmitir sempre, uma mensagem que deve ser de todos os dias: a misericórdia. Recordo que naquele dia assumi também uma atitude um pouco “descarada” de fazer publicidade de um livro sobre a misericórdia, que tinha acabado de ser publicado pelo cardeal Kasper. E naquele dia senti muito fortemente que, como Bispo de Roma, esta é a mensagem que devo transmitir:

misericórdia, misericórdia, por favor, perdão!

A misericórdia de Deus é a nossa libertação e a nossa felicidade. Vivemos de misericórdia e não nos podemos dar ao luxo de viver sem misericórdia: é o ar que se deve respirar! Somos demasiado pobres para estabelecer as condições, temos necessidade de perdoar, porque precisamos de ser perdoados. ⁽¹⁾

**Olhar e agir com
misericórdia: isto é
santidade!**

(1) PAPA FRANCISCO - AUDIÊNCIA GERAL - Quarta-feira, 18 de março de 2020

Oração

Uma palavra estranha, Senhor, uma palavra para dicionários. Dificilmente é utilizado fora desta Beatitude, como se ela estivesse reservada para Vós, só para Vós. Misericórdia é o Vosso nome, é verdade, mas porque não é nossa, na nossa medida, e porque não a minha? Calculamos, julgamos, condenamos, fingimos sempre ter a última palavra, contamos as ofensas e preparamos a vingança, enquanto Vós, Senhor, perdoais, confiais, e não conheceis o dar e receber da terra, pões tudo sobre o Amor e sobre a liberdade. Vós que alegremente acolhestes o filho pródigo, Vós que abandonastes tudo para procurar a ovelha perdida, Vós que cuidastes do trabalhador da décima primeira hora, num fantástico ato de fé, esperança e caridade, Deus de ternura e generosidade, de sorriso e gratuidade, comunicai-nos a loucura da vossa Misericórdia.

(Gilbert Cesbron)